

As bichas do Lampião da Esquina: do insulto à desconstrução da masculinidade no final da década de 1970

César Felipe Rodrigues¹
Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa²

Resumo: As questões que norteiam este trabalho são as discussões em volta do termo “*bicha*”, veiculadas no jornal *Lampião da Esquina*, primeiro periódico de grande alcance vendido em bancas do país. Com conteúdo voltado ao público gay e produzido por homossexuais, circulou no Brasil de 1978 até 1981, gerando efeitos na desconstrução ou flexibilização de uma masculinidade hegemônica, tido como fixa, natural e essencialista por diversos discursos. Tomaremos como base os conceitos foucaultianos e de gênero desenvolvidos pelas teóricas feministas pós- estruturalistas nas décadas de 70 e 80. Buscaremos traçar aqui, a princípio, uma arqueologia do termo “*bicha*” e realizar uma análise genealógica dos efeitos de poder desse discurso, os embates e mudanças que possibilitaram o surgimento de “*novos sujeitos na economia dos signos da sociedade daquele momento histórico*” (MONTEIRO, 2000, p.50). Nesse sentido, por fim, como os homossexuais passam a enxergar a si mesmos após as discussões de *Lampião*.

Palavras-chave: Bichas. Lampião. Masculinidade. Gênero.

¹ Mestre em Educação Sexual e licenciado em História pela Universidade Sagrado Coração – Bauru/SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7399060800689089>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6876-3790>. E-mail: cesarfelipe@professor.educacao.sp.gov.br

² Pós-Doutora em História, professora do Unisagrado e do programa de mestrado em Educação Sexual da UNESP – Araraquara/SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2127262265365601>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7479-6054>. E-mail: loufeitosa@uol.com.br

"Ei, psiu, você aí, macho discreto. Chega mais, cola aqui Vamo bater um papo reto. Eu gosto mesmo é das bixas, das que são afeminadas. Das que mostram muita pele, rebolam, saem maquiada. Eu vou falar mais devagar pra ver se consegue entender. Se tu quiser ficar comigo, boy (ha-ha-ha). Vai ter que enviadescer. Ai meu Deus, o que que é isso quéssasbixa tão fazendo? Pra todo lado que eu olho, tão desenviadescendo"
“Enviadecer”, Linn da Quebrada

Nesse trecho da música “Enviadecer”, Linn da Quebrada³ nos apresenta uma nova realidade que emerge em nossos dias. A letra, de forma ousada, ou melhor, *afrentosa*, rompe com o imaginário construído e sustentado por tanto tempo na nossa sociedade heteronormativa, da reprodução das relações heterossexuais binárias aos homossexuais, do desejo da *bicha/passivo* em encontrar um macho/ativo. Ideia essa que ainda existe no imaginário social, mas que está se desconstruindo, se transformando. Outra questão é que Linn Da Quebrada também valoriza os indivíduos afeminados, as *bichas*, dizendo que são sujeitos desejados.

Por outro lado, essas modificações citadas acima não impedem o crescimento de discursos arraigados em nossa cultura como a homofobia e o machismo, que parecem intrinsecamente ligados à nossa sociedade. Além de tais mudanças significarem uma ameaça para a hegemonia masculina, certos setores da sociedade veem nelas uma ameaça ao *status quo* da família tradicional, o que realça a necessidade de discutir o tema da masculinidade e de trazer o debate de gênero à tona.

A escolha pelo periódico *O Lampião da Esquina* foi feita por ser o primeiro periódico de grande alcance vendido em bancas no Brasil, com conteúdo voltado ao

³ Artista multimídia e bixatravesty. Linn encontrou na música uma poderosa arma na luta pela quebra de paradigmas sexuais, de gênero e corpo. Em 2016, a artista se lançou na música com o hit “Enviadescer” e de lá pra cá não parou mais, incluindo aí a direção do experimento audiovisual “blasFêmea”, da música “Mulher” e a realização de uma campanha de financiamento coletivo para a produção de Pajubá, seu disco de estreia, com direção musical de BadSista, lançado em outubro de 2017. Essas informações foram tiradas do seu site oficial no dia 20/02/2019 :<<<https://www.linndaquebrada.com/release>>>.

público gay e produzido por homossexuais (TREVISAN, 2002, p. 338), além das ricas discussões, como é o caso do termo *bicha*, que é analisado nesse trabalho.

Traçaremos aqui, a princípio, uma arqueologia do termo *bicha* e realizaremos uma análise genealógica dos efeitos de poder desse discurso. Os embates e mudanças que possibilitaram o surgimento desses “*novos sujeitos na economia dos signos da sociedade daquele momento histórico*” e que “*levou a rupturas interessantes que sugerem uma análise na qual o masculino perde seu estatuto de sujeito universal do discurso*” (MONTEIRO, 2000, p.50).

Foucault desenvolve o método arqueológico, que consiste em examinar os discursos, os saberes construídos em diversos campos das ciências. Procura questionar como determinado saber se constituiu e não outro em seu lugar, como se legitimou, suas rupturas, permanências, fissuras. Foucault não está preocupado em buscar as origens do discurso e nem a tratá-lo “*como conjunto de signos (de elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações) mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam*” (FOUCAULT, 1972, p. 64). Nesse sentido, a arqueologia está preocupada com o ser-saber. Esses saberes que são formulados na história não são fixos, suas regras podem sofrer mudanças e devido a isso novas ‘verdades’ podem surgir. Logo, os saberes são produtores de ‘verdades’.

Nesse sentido, a arqueologia nos serve como ferramenta para discorrer sobre os embates sobre o termo *bicha*, os saberes e discursos que o permeiam, as circunstâncias em que o termo surge, quais áreas corroboram para sua legitimação e quais mudanças propiciam o deslocamento do sentido pejorativo do termo.

O segundo método é a genealogia, que está ligada ao ser-poder. Se a arqueologia nos possibilita analisar os saberes, seus efeitos de verdade, a genealogia analisa os efeitos de poder causados por esses discursos. Logo, a genealogia busca evidenciar e questionar os discursos e verdades; busca:

Mostrar como se formam, para responder a que necessidades, como se deslocam e modificam, que força exerceram efetivamente, em que medida foram contornadas. De outra parte, o conjunto “genealógico” que põe em prática os três outros princípios: como se formam, através, apesar, ou com o apoio desses sistemas de coerção, series de discursos; qual foi a norma especifica de cada uma e quais foram suas condições (FOUCAULT, 1996, p.64)

A genealogia, logo, é o método pelo qual conseguimos ver as relações de poder envoltas no discurso, suas verdades, suas práticas, seus efeitos de subjetivação. Esse poder ramificado no tecido social produz dispositivos de controles que buscam regular, classificar, ordenar, disciplinar os sujeitos que produz, de quais falam (FOUCAULT, 1986, p.229,236).

O último método desenvolvido por Foucault que será útil para nossa análise é o cuidado de si, ou a ética de si, que consiste em entender através de quais verdades, de quais jogos de verdades, moral e tecnologias, se constitui o sujeito. Ou seja, como esse sujeito absorve as verdades ditas sobre si, como lida com elas, como as internaliza ou as rejeita. Como esse sujeito reconhece a si mesmo, como se testa, se prova; uma história do cuidado de si, do corpo, da subjetividade (FOUCAULT, 1984, p. 10/27/28). Como ressalta o próprio autor:

Finalmente, história da maneira pela qual os indivíduos são chamados a se constituir como sujeitos de conduta moral: essa história será aquela dos modelos propostos para a instauração e o desenvolvimento das relações para consigo, para a reflexão sobre si, para o conhecimento, o exame, a decifração de si por si mesmo, as transformações que se procura efetuar sobre si. Eis aí o que se poderia chamar uma história da "ética" e da "ascética", entendida como história das formas da subjetivação moral e das práticas de si destinadas a assegurá-la (FOUCAULT, 1984, p.28).

Assim, examinaremos os efeitos do discurso, dos debates de *Lampião* sobre o termo *bicha*, e os efeitos da constituição de novas formas de vivências pelos homossexuais a partir dessas discussões.

Utilizando esses métodos e dos conceitos de discurso, poder e dispositivos desenvolvidos por Foucault, procuramos cumprir com o intento. Cabe-nos, antes de continuar, conceituar os termos poder, discurso e dispositivos. Segundo o autor, “*O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos*” (FOUCAULT, 1996, p.49). Para a autora Nadia Perez Pino, o discurso, na perspectiva foucaultiana, não é só tudo aquilo que produz sentido, mas que cria a realidade (PINO, 2011, p.12)

Para Foucault, o discurso “*está na ordem da lei [...] lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que lhe advém*” (FOUCAULT, 1996, p. 7). O discurso que é aceito, que pode ser validado é o que segue a determinadas regras de uma época, do que pode ser dito e não dito, que respeita o regime de verdade desse período. (PINO, 2011, p.12). Nesse sentido, veremos como os médicos, entre outros, construíram verdades sobre os homossexuais afeminados e os condicionam a papéis rígidos de gênero no decorrer do século XX.

Já o poder, para Foucault, não é algo necessariamente repressivo, não está focado em um único ponto, em uma única instituição, não se pode deter o poder, prendê-lo. O poder, para ele, não é exercido apenas de cima para baixo e se é exercido dessa forma existe uma relação negociada, que é preciso ser “permitido” pelo que está embaixo. Nem sempre o poder é negativo no sentido jurídico, mas pode também construir, produzir (FOUCAULT, 1986, p. 251).

A relação do poder se manifesta nos dispositivos de sexualidade, esses como formas, práticas, estratégias de domínio, que se mostram respondendo a determinada urgência de cada época. Vestimentas, arquiteturas, discursos, receitas, procedimentos, injúrias, entre tantos outros são formas e práticas dos dispositivos:

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber

que dele nascem, mas igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de forças sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles. (FOUCAULT, 1986, p.246)

Tento exposto esses conceitos foucaultianos, passaremos às discussões de gênero e procuraremos relacioná-los ao problema central do artigo, o termo *bicha*.

Segundo Feitosa, desde a década de 70, importantes mudanças no pensamento, na ciência, levam a uma reformulação de diversos valores e conceitos tradicionais. Gênero e sexualidade estão inseridos no âmago desses debates. A relação do masculino com feminino, ou do homossexual com heterossexual, é abalada (FEITOSA, 2008, p.123).

Dentre essas abordagens e debates, buscam-se novas referências para se entender os significados atribuídos à feminilidade e à masculinidade e rejeita-se a noção de que as motivações sexuais humanas sejam “instintivas” ou “naturais”, embora essas idéias ainda estejam arraigadas no senso comum, como se as concepções e valores morais sobre a sexualidade fossem e sempre tivessem sido os mesmos. (FEITOSA, 2008, p.124)

Os movimentos feministas e a inserção deles nos debates acadêmicos força a revisão de concepções históricas fixas. A diversificação dos sujeitos que podem fazer história, dos documentos que podem ser utilizados e as reflexões pós-modernas colocam em xeque a ideia de uma essência feminina ou masculina:

A aceitação de diversos perfis de feminilidade e de masculinidade põe em discussão a idéia da supremacia do poder do “homem” sobre a “mulher” à medida que a noção generalizante de imposição masculina não pode dar respostas satisfatórias à diversidade de comportamentos e situações históricas. (FEITOSA, 2008, p.124)

No bojo dessas mudanças, uma historiadora feminista, Jean Scott, desenvolve o conceito de gênero como uma categoria útil para análise da história. Segundo a autora, gênero é “*um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às*

relações de poder”. Além disso, é “*um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado*”, logo gênero não está limitado a entender apenas a história das mulheres, mas sim a relação entre homens e mulheres e toda complexidade envolvida nessa relação, interesses, domínio, política e poder (SCOTT, 1994, s/p).

Segundo a análise da autora, os discursos criados sobre o masculino estão sempre suscetíveis a mudanças – seja por questões do Estado, seja pela ascensão econômica de determinados grupos, homossexuais, mulheres, por crises políticas, mudanças de regime, contestação popular e movimentos sócias –, já que, para ela:

Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendentais; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas (SCOTT, 1994, s/p).

O gênero não apenas revela as condições de poder existentes nas relações entre homens e mulheres, mas vai além. Serve, também, para uma análise mais profunda e complexa das relações de poder, na representação da identidade do masculino e feminino, nas construções hierárquicas, nas desigualdades étnicas, sociais. Denuncia as formas de conceber o mundo de um determinado período através da análise da moral, das leis, da religião, que são transpassadas pelo gênero (SCOTT, 1994, s/p).

Sendo assim, o jornal *Lampião da Esquina* nos permite analisar as discussões sobre o termo *bicha* e suas possíveis contribuições para a flexibilização da masculinidade. Segundo Cardoso, os textos não são tratados apenas em seus conteúdos ou enunciados, mas também mediante métodos linguísticos de análise do discurso, da enunciação; em outras palavras, procura-se determinar em que condições sócio-históricas a produção do texto pode ocorrer. (CARDOSO, 1986, p.54). Como mencionam De Luca e Martins:

Jornais, revistas, rádios e televisões são empresas e, portanto, também buscam lucros. De outra parte, negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Elas não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público. (DE LUCA; MARTINS, 2006, p.11)

Esses interesses associados à edição, escrita, forma de passar alguma notícia, organização das colunas, imagens e à arte do jornal denunciam intenções que nos dão pistas de como o jornal lidava com a questão da imagem dos homossexuais afeminados, como encaravam os discursos vigentes sobre as *bichas*. Os discursos do jornal possibilitam examinar as construções do termo *bicha* apoiados na ideia de Cardoso, que enfatiza que “*as metodologias propostas para a análise de textos em pesquisa histórica é o de que um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente*” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p.337).

Bicha, “viado”, florzinha, sandália, mulherzinha... construções do insulto

Bicha, “viado”, florzinha, sandália, mulherzinha, entre tantos outros termos, são usadas para ofender e agredir homossexuais há muito tempo na história do Brasil. Nos dias de hoje, embora com algumas rupturas, ainda são frequentes a prática do insulto, utilizando-se desses termos. “*A injúria é um enunciado performativo: ela tem por função produzir efeitos e principalmente instituir, ou perpetuar, o corte entre os normais “e (...) [os] estigmatizados*” (ERIBON, 2008, p. 29). Ao chamar um homossexual de *bicha*, o que se busca dizer é que ele não é um ser normal e deve ser excluído do convívio social. Logo, os termos de injúria (*bicha*) são dispositivos formados pelos saberes médicos e jurídicos (FOUCAULT, 1986) – que viam os homossexuais como doentes ou criminosos –, que, por sua vez, reverberam nos discursos sociais (GREEN, 200). Mas qual a origem do termo? Ele sempre foi pejorativo?

O termo *bicha* surge no Brasil na década de 1930 e o autor James Green levanta diversas hipóteses para a sua origem. Entre elas, a importação do termo em francês *biche*, devido a popularização do termo “viado”, usado para difamar os homossexuais. Então, como resposta, os homossexuais afeminados adotam esse termo francês, que significa corça, feminino de veado, como forma de deboche e ironia ao termo pejorativo “viado”. Outra possível interpretação da etimologia da palavra é mulher irritada, e no Nordeste é também sinônimo de prostituta (GREEN, 2000, p.145).

O que nos importa, no entanto, é a popularização do termo na década de 60 e 70 e suas transformações. O novo sentido dado à palavra pelos próprios homossexuais e a discussão em torno do termo, destacada nas matérias do jornal em análise. Por muito tempo esse vocábulo evidencia uma ideia gerada no imaginário popular brasileiro da existência de um binarismo homossexual.

Tais discursos, da primeira metade do século XX, reproduziam a ideia de que aqueles que se relacionam com o mesmo sexo só podiam refletir os papéis rígidos da heterossexualidade, essa relação binária, onde o homem afeminado era o passivo/mulher e mais masculino o ativo/homem. Essa visão é difundida pelos saberes médicos, que consideravam tal comportamento um desvio que precisava ser estudado, analisado, controlado, separado dos saudáveis e normais heterossexuais, e curado (GREEN, 2000, p.137).

“Mesmo havendo vivências homoafetivas que contradiziam esses saberes médicos”, como destaca Green, os discursos médicos vão analisar os “*pederastas passivos*” e “*homens afeminados*”, em função da maior visibilidade desses sujeitos nos espaços públicos, que chamavam mais atenção “*bem como sua vulnerabilidade ao assédio da polícia, a detenção e, por vezes, à pesquisa ‘científica’*” (GREEN, 2000, p. 238). Os próprios discursos e repressões por parte da polícia eram justificados pelos discursos médico-legal. A perseguição, violência e visão estereotipada e redutora (binária) da polícia fica clara nessas passagens publicadas no jornal:

Soube que vocês iam dar ênfase às cartas dos leitores, e tratei de escrever correndo, pare ver se minha carta saía ainda no número zero. Eu queria me queixar contra os policiais que fazem rondas no local guei denominado "Buraco da Maísa", no Castelo, no Rio. E que eles não impedem as pessoas de entrar no "Buraco", até facilitam; depois que a gente está lá dentro é que eles aparecem, querendo dinheiro para não levar o pessoal preso. Será que vocês podiam fazer uma reportagem sobre isso? Jenifer, Rio de Janeiro. (NOS BECOS..., 1978, p.14).

Nesse trecho, podemos notar também a surpresa de um dos policiais quando descobre que um dos abordados, – e os motivos para a abordagem são seus trejeitos que denunciam sua homossexualidade, – é advogado e gay.

Um rapaz, cujos gestos funcionam como uma espécie de bandeira - trata-se de um homossexual -, informa que é advogado. Exibe a carterinha da Ordem, que os policiais examinam mais longamente. "Como é possível, um advogado", diz um deles, fazendo uma alusão direta ao comportamento sexual do rapaz (DA-LHE..., 1978, p. 8).

Para Foucault, a polícia serve como aparato do Estado burguês para controlar as massas, para conter a população, separar, vigiar, conter aqueles que são considerados inaptos a viver em sociedade (FOUCAULT, 1986). Essa atitude policial, como dito acima, é reflexo do saber médico-legal, midiáticos e jurídicos.

Com o aval destes discursos, com as perseguições dos policiais, essa visão redutora, binária da vivência homossexual, é difundida e legitimada. Grande parte da sociedade enxerga na figura do homossexual como um depravado, um doente, um degenerado, um corpo que deve ser controlado, curado, e se não houver mais opções, renegado à escória, ao gueto. Deste modo, termos como *bichas* ou “viados” são apenas mais um dentre as diversas formas de manter esse ser ‘anormal’ afastado do meio social. O conceito faz parte dos mecanismos de dispositivos da sexualidade que classificam os homossexuais como uma ameaça à ordem, ao controle, ao desenvolvimento social do Estado, que justificaria a necessidade das repressões

policiais, das internações, dos trabalhos pouco valorizados e frequentemente ligados ao feminino (FOUCAULT, 1986, p. 244).

O termo *bicha* sofre mudanças desde seu surgimento, nasce como suposta resposta debochada ao termo viado, na década de 30, como foi dito, mas o “*emprego difundido da palavra bicha como rotulo depreciativo parece ter ocorrido apenas no início dos anos 60, quando começou a competir com viado como forma de insulto comum por parte de pessoas estranhas ao meio*”. Como afirma Green, talvez não seja possível descobrir a origem exata do termo, *mas “a possibilidade de que a palavra bicha tenha se desenvolvido dentro do próprio mundo de homens efeminados e prostitutas nos anos 30, amplia sua potência simbólica”* (GREEN, 2000, p.146).

Essa visão, depreciativa, pejorativa da bicha/afeminada, no entanto, começa a mudar nos anos 60, período em que esses discursos sofrem diversos abalos devido às mudanças culturais ocorridas no Brasil e no mundo. O movimento *hippie*, o desenvolvimento da pílula anticoncepcional, a chamada Revolução Sexual, maio de 68, ditadura, movimentos de resistência à ditadura, movimento feminista e gay na Europa e EUA, o aumento populacional nos grandes centros urbanos, a volta dos exilados, são alguns dos elementos que possibilitam o surgimento de discursos que contestam os saberes médicos, juristas e midiáticos sobre a homossexualidade. (GREEN, 2000; MONTEIRO, 2000; PÉRET, 2011; BUGLIONE, 2002; RIBEIRO, 1990).

O jornal *Snob*, fundado em 1963 no Rio de Janeiro, nos dá indícios de que se desenhava mudanças no tímido movimento homossexual. Esse jornal possibilitou um contato maior entre homossexuais, além de ser a mais representativa expressão da cultura homossexual no país naquele período (PÉRET, 2011, p. 20). Segundo esta autora, ele:

Mostra ainda, como os gays daquela época compreendiam e vivenciavam as identidades sexuais. Ao incorporar e reproduzir o estereótipo da relação macho fêmea, na qual bofe são os homens de ‘verdade’ (macho-ativo) e as ‘mariconas’ são os homossexuais efeminados (passivos) o jornal expõe a própria dificuldade de encontrar um vocabulário para lidar com o desejo homoerótico (PÉRET, 2011, p. 24).

Isso, porém, muda quando um dos membros adota o pseudônimo *Gato Preto* – diferente do uso comum de pseudônimos femininos – e começa a questionar a rigidez das identidades de gênero binárias. *Gato Preto*, mesmo deixando o jornal em 1968, contribui para que esse adote uma postura mais politizada e interessada nas teorias de gênero desenvolvidas pelas feministas da Europa e dos EUA naquele momento (PÉRET, 2011, p. 25).

Snob encerra suas publicações em 1969 devido ao tenso clima político instalado pelo AI-5 no final de 1968. Porém, marca uma importante mudança na forma como os homossexuais passam a se ver; mudanças essas que se evidenciaram com mais maturidade política nas discussões do *Lampião da Esquina*.

Neste jornal, podemos ver uma tentativa de romper com os discursos médicos, legistas e midiáticos. A visão patológica e criminosa atribuída ao homossexual sofreu fortes críticas por parte dos editores de *Lampião*. Essa tentativa de desconstrução fica clara logo na primeira matéria do jornal, intitulada “*Saindo de Gueto*”:

Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O qual nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição (SAINDO..., 1978, p. 2).

Qual contexto histórico que possibilitou esses questionamentos do jornal? Quais as discussões em torno do termo? Como contribuíram para a flexibilização da masculinidade? Segundo Peter Green, já havia condições para debates sobre a homossexualidade nas décadas de 50 e inícios da década de 60, mas esses foram refreados pela ditadura civil-militar. (GREEN, 2000; PÉRET, 2011). Até o surgimento de *Lampião*, nenhum outro jornal, com o mesmo alcance, trouxera a discussão sobre o termo *bicha* à tona, e com visões tão diversas. Seguem alguns excertos que revelam as diversas posições sobre o uso do termo:

Como se pode ver, a homossexualidade não se mostra somente através de plumas, paetês, frescuras, hábitos ou atos que - como a maioria pensa - atentem contra a moral. É claro que a consciência coletiva de um grupo como Dignitty ou outros, religiosos ou não, de vários países e que pretendem a integração do homossexual na sociedade, depende de personalidades individuais e fatores culturais que, infelizmente nós ainda não temos - isto é, temos sim!, só que aquela que poderíamos chamar de "elite intelectual da homossexualidade brasileira" que não tem coragem de assumir publicamente a própria homossexualidade e muito menos de participar de manifestações como esta, sérias e reivindicadoras. Enquanto isso, vamos ficando com as sobras homossexuais do nosso subdesenvolvimento: os travestis Prostitutos de rua, as "bichas loucas", os "sapatões", os corruptores de menores, os maníacos sexuais dos mictórios, etc.. "Reivindicações", dirão eles, "pra que?" Estão tão cômodos assim (NOSSAS..., 1978, p. 2).

Esse trecho, por exemplo, revela um posicionamento interessante do movimento. A princípio, ele contesta a ideia de que a homossexualidade possa ser resumida apenas na figura caricata das *bichas* envoltas em seus paetês e plumas. Outra questão é a cobrança em relação à elite homossexual que não se assume e assim permite que esse estereótipo continue sendo disseminado já que ao se assumir poderia demonstrar a diversidade do movimento, nesse caso, modo de se portar e a inserção dos homossexuais em diversos setores, como na "elite intelectual" do país. E, por fim, ressalta-se que "*sobra homossexual do subdesenvolvimento*": bichas loucas, sapatões, travestis, aqui também podemos perceber uma relação de classe, uma associação entre homossexuais pertencentes a classes menos abastadas com posturas mais caricatas.

Outra parte discute a relação, até então comum, entre a *bicha* e a característica negativa, nociva, única imagem possível com o homossexual, como aponta essa outra passagem: "*mas porque o conceito de que entre homossexuais só se discute sexo ou, como no caso das "bichas" reunidas por ai, o mundo se reduz a paetês e plumas, é extremamente nocivo ao homossexualismo*" (LENDO..., 1978, p.15). Ainda em relação a esta questão, vê-se em *Lampião* outro trecho de uma entrevista com um ex membro do *Dez Croquette* que é importante para a nossa análise. Lennie é o entrevistado.

Mauricio Domingues- O que é que você acha da possibilidade de um surgimento da liberação homossexual no Brasil, como nos Estados Unidos? No mesmo estilo? Lennie – Eu acho que no Brasil não vai ter movimento, nesse momento, porque a América do Norte é muito diferente da América do Sul. Mas eu acho que alguma coisa vai acontecer, de qualquer maneira. Acho que as bichinhas aqui, hoje em dia, já estão se unindo. (Segue-se nova discussão sobre o termo bicha. Alguém lembra que “Não fomos nós que inventamos esse apelido”. Todos intervêm. Mauricio fala sobre o equivalente norte-americano palavra e diz' "Lá se alguém é chamado assim, pode processar quem o chamou". Lennie– Olha, essa questão, se alguém me perguntasse: "Lennie, você gostaria de ser mulher?" Minha resposta seria NÃO! Por que eu gosto do meu corpo como ele é, gosto do meu peito cabeludo, gosto de transar com outro homem igual a mim. Chrysóstomo - Não é vantagem. Noventa por cento dos homossexuais são assim, pensam assim. Mas têm pelo menos dez por cento que gostaria de ser. Lennie – Pobres bichinhas querendo ser mulher. Um horror. (DE PREDISIÁRIO..., 1978, p. 7).

Aqui, já podemos notar uma tentativa de esvaziar o termo *bicha* do seu sentido pejorativo, mas também uma resistência do entrevistado em se ver como *bicha* ou de conceituar o termo, como fica evidente no trecho que destacamos. O entrevistado acredita que as *bichas* querem ser mulher, o que demonstra confusão ainda sobre os termos no interior do próprio movimento, como frisado neste outro excerto:

Lampião correspondeu em cheio (pelo menos isso ficou provado neste número de distribuição gratuita) às necessidades intelectuais deste grupo que a bichória chama de mariconas, ou seja, de nós homossexuais que somos homens normais, sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos (tão característicos à nocividade que é representada pela bicha de classe média, incapaz de se impor como gente, como pessoa). Espero que os números seguintes encham nossos olhos e corações de coisas boas, de realidade. [...] Mas, por favor não se deixem envolver pelo emaranhado de teias e pelo brilho de paetês e miçangas das bichas inoperantes que estão (involuntariamente é claro) a serviço da Sociedade de Proteção ao Machismo, que também manipula o travesti, esboço bizarra da escrava doméstica e do objeto sexual que ainda é a mulher. (PAULADAS..., 1978, p. 14)

Claro que ser essa a única representação do homossexual é algo negativo, já que exclui a diversidade e possibilidade humana, mas as palavras ridículas e inoperantes demonstram, mais uma vez, o preconceito com esses indivíduos que usam seus brilhos, miçangas e plumas. Outra ideia é de que essas figuras estão a serviço do machismo, já que elas são as que ficam à vista, são mais facilmente notadas em público e são associadas à única forma de vivência homossexual, reverberando assim os estereótipos (GREEN, 2000). Situação que é questionada neste fragmento do *Lampião*:

Então, a coisa fica assim: um par homossexual tem um feminino (passivo, que gosta de frescuras) e outro masculino (ativo, viril, relaxado). Mas será que todos os homossexuais são presas tão fáceis de análogo de domínio e submissão? Ou então seria possível, até fácil, compreender que não se está mais brincando de papai e mamãe e sim, tentando viver sinceramente a dois - dois homens, onde ninguém é hipoteticamente mulher? (NOVAS..., 1978, p. 4).

A matéria acima discute a relação entre dois homens, indo além do senso binário pressuposto. *"Comigo era assim e eu sei que sempre acabava com uma incrível sensação de frustração, de oco por dentro. E outra coisa, eu era muito efeminado, sabia disto e não conseguia controlar esta manifestação de neurose. Agora não, o meu comportamento mudou por inteiro."* (A. V.) (NOVAS..., 1978, p.4).

Em uma das entrevistas sobre o porquê dos homossexuais supostamente não serem monogâmicos, o convidado diz que é por não serem amados, não terem aprendido a aceitar a relação entre pessoas do mesmo sexo como algo "natural". Quando ele trabalha esta questão e passa a vê-la como algo normal, "perde" seus trejeitos afeminados. Mas não teria ele apenas tentado mudar o seu comportamento a fim de ser aceito em um meio onde os homossexuais não aceitavam as *bichas* mais afeminadas? R.C. assim analisa a questão:

Agora, se esse relacionamento é neurótico, em que a função de um é idêntica à do "marido machão" — e a do outro idêntica à da "mulher

submissa", aí as coisas mudam de figura. Infelizmente, a maioria dos homossexuais têm a mesma concepção burguesa de casamento e busca no companheiro ou companheira o que o noivo ou noiva busca no casamento: a falsa estabilidade" (R.C). [...] Há uma relutância em todos os setores, inclusive por parte dos progressistas desse país, em colocar o homossexual como indivíduo normal que paga impostos e interage no processo social e político do Brasil. Sem a desmistificação da bicha artista não se pode deter a degradação do homossexual, que o torna mais um objeto de consumo, como a mulher, o índio ou negro folclóricos.:’ - (R.C.) (NOVAS...., 1978, p. 4)

O que se percebe é a preocupação do casal em não reproduzir os mesmos papéis binários dos casais heterossexuais, mas, ao fazer isso e apontar para a necessidade de desconstruir o estereótipo da *bicha artista*, acaba por criar novos padrões homogeneizantes de comportamento impostos aos homossexuais, idealizados como discretos e masculinos. Isso não impede o preconceito, apenas legitima a perseguição contra as afeminadas e cria mais um gueto para elas no interior do próprio movimento homossexual.

Outros três excertos abaixo demonstram que: 1) o uso do termo não ajudará em nada na luta: “Assim, aproveito para deixar minha crítica em relação aos portadores de frescurite e desmunhequices, as quais só ajudam a perpetuar essa imagem caricata dos homossexuais” (O COLUNISTA..., 1979, p. 18).

Ainda na mesma matéria: 2) “Não acredito que a aceitação de ser chamado “bicha” resolva alguma coisa, pois a aceitação talvez se deva a uma tentativa de acostumar os ouvidos a tal adjetivo ou pelo simples fato de gastá-lo rapidamente” (O COLUNISTA..., 1979, p. 18); 2) o uso do termo *bicha* tem duas faces e, mesmo que na tentativa de desconstruí-las, não consegue livrar-se do tom machista, assemelhando-se ao *Pasquim*: “Palavras como *sapatona* e *viado* estão sendo usadas dentro de uma linguagem de comício que as torna não pejorativa, mas de duas faces, e de um acento machista, que lembra mais o “*Pasquim*”” (MAIS..., 1980, p. 8); 3). Os preconceitos contra as *bicha* está inserido até mesmo nas cabeças ditas “mais avançadas”:

A coordenadora percebeu as falhas e, para tentar sanar esta última, perguntou o que eles achavam do homossexualismo. 'Tudo legal, cada um tem o direito de estar na sua', foi o consenso também óbvio. Porém, um rapaz acrescentou: "Mas também a gente não precisa aceitar bicha louca, né?", deixando explícito nesta frase, que os níveis de preconceito podem ser sutis, variáveis, mesmo entre pessoas que se acreditam avançadinhas (CONVERGINDO..., 1980, p. 14).

Mas não eram todos que pensavam que a *bicha* seria um aspecto negativo para o movimento homossexual; aliás, a maioria defendia o uso do termo como algo positivo e necessário.

A primeira coisa a fazer, portanto, é perder o medo das palavras. O caminho para isso é usá-las: bicha, bonecas, etc[...] Assim, acreditamos que estamos cumprindo nosso verdadeiro papel nesse jogo quando mostramos às pessoas que perdemos o medo. [...]. Nossa posição é oposta: se nos chamarem de bichas respondemos que somos mais que isso — somos trichas. Mas... (E há sempre umas... na vida de qualquer machão), aproveitaremos a ocasião para recolher do nosso vastíssimo arquivo ciosamente organizado pela fera Rafaela Mambaba, duas ou três coisas que sabemos – sobre o autor da ironia. Assim, por todas essas coisas, ficam os possíveis desafiados avisados: em matéria de imprensa, os jornalistas que fazem lampião da Esquina sempre adotaram a posição ativa, ativíssima. (AS PALAVRAS..., 1978, p. 5).

Na passagem acima, por exemplo, *Lampião* apresenta sua intenção ao usar o termo e é interessante ressaltar que não se calaram frente às provocações irônicas de outros autores – nesse caso uma referência a Ivan Lessa, do *O Pasquim*. Como estratégia, reagirão aos autores de tais matérias, tendo uma atitude ativa, contrária do que se esperava de um jornal de *bichas*, vistas pelo senso comum atreladas à passividade. Usar o termo *bicha* é usar a arma do inimigo a nosso favor, afirma o *Lampião*:

Mas o primeiro passo para a liberação, Norma, é aceitar a etiqueta. Porque a etiqueta é sempre colocada pra discriminar você. Então se você assume a etiqueta e diz "tudo bem, estamos aí", você desmoraliza a etiqueta e as pessoas bem pensantes já não podem mais dizer "000h!" Aguiinaldo Silva.

JA - Pois é, A etiqueta é feita pra que você, com medo de ser etiquetado, se recolha à sua insignificância. Agora se você assume a etiqueta e dá risada, o que é que se pode fazer com você?

AC - Eu noto nesse meio em que a gente vive – de artistas, jornalistas, intelectuais - uma atitude quase generalizada de dizer que discutir sobre sexo é uma coisa antiga. Mas meu Deus, será antigo, na medida em que a polícia está prendendo bichas na rua, na medida em que as pessoas ficam indignadas quando alguém diz que é homossexual, na medida em que há gente sendo despedida do emprego por causa de sua preferência sexual? Mas que coisa antiga é esta? (MUITA..., 1978, p. 9).

Na entrevista de Norma Bengel, fala-se da importância em usar o termo de modo bem-humorado e descontraído, esvaziando o sentido depreciativo; também destaca-se que o assunto é de extrema importância, já que em um país onde homossexuais morrem por terem trejeitos afeminados, o assunto é de extrema relevância para o movimento. O uso do humor será recorrente no jornal como estratégia de desconstrução do sentido pejorativo do termo, como é o caso da coluna Bixórdia, que surge a partir da 5ª edição. Na definição do que seria Bixórdia, *Lampião* diz:

Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, s.f; em machês, palavra originária de bicha, s. i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f mistura, bagunça. Representação do que é livre, auto permitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Vale tudo, né queridinhas? (O QUE..., 1979, p. 12).

Nessa imagem abaixo, vemos logo na primeira frase que o termo deixa de ser uma injúria para tornar-se um elogio, além dos diversos derivados da palavra para designar a diversidade no interior do mundo homossexual.

Imagem 1: LAMPIÃO, Rio de Janeiro, nº 6, Outubro de 1978



Em outro trecho, novamente vemos *Lampião* incentivar o uso do termo e suas possíveis variações:

Sempre com a intenção de enriquecer a língua e de dar um sentido mais amplo "às palavras da tribo", como queria o poeta Mallarmé, leitores de todos os quadrantes enviam-nos as novas palavras. Aqui estão elas:

- Bichoquete - bichinha da moda, que tisa soquete e sandália de plástico.
 - Bichanhaca - bicha com CC, toulcourt.
 - Bichoteca - bichona de discoteca.
 - Bichonha - bicha má, que segrega peçonha.
 - Bichão - bicha "valet de Chambre" de sapatão.
- (GASPARINO..., 1978, p. 12).

Um dos diversos motivos que *Lampião* busca desconstruir essa visão negativa das bichas/afeminadas também está relacionada à dificuldade que esses indivíduos encontram no espaço profissional, já que seus trejeitos acabam por limitá-los a trabalhos relacionados ao universo feminino ou trabalhos pouco valorizados.

Depois, tem aquele velho clichê: bicha tem que ser cabeleireiro, costureiro, maquiador, ou então fazer parte dos trabalhos intelectuais _artistas plásticos, escritores, jornalistas - ou estar infalivelmente ligado ao meio teatral, seja ator ou simples bilheteiro. Na verdade, o homossexual busca essas atividades por instinto de sobrevivência. Como são, na sua maioria, seres de grande sensibilidade e inteligência, geralmente com talento invejável, "enclausuram-se" nessas espécies de guetos profissionais onde as aptas habilidades são aceitas com razoável grau de liberdade. Mesmo porque esse tipo de trabalho reforça a imagem de marginalidade - trata-se de "atividades não produtivas", de acordo com os padrões vigentes- que a sociedade faz questão de atribuir à condição do homossexual. Ah, mas existem muitos executivos bichas dirão alguns. É claro que existem, está cheio. Mas desafio a que me apontem um executivo que tenha pedido o emprego sem dar uma tremenda disfarçada nas suas características pessoais (À PROCURA..., 1979, p. 3).

Além desse, outros tantos excertos em *Lampião* demonstram a dificuldade dos homossexuais assumidos ou descobertos em encontrar emprego.

Diante do que foi apresentado até aqui, podemos ver as divergências sobre o uso do termo e a busca pela sua desconstrução. Essa discussão transpassa questões básicas, como a dificuldade de arrumar emprego ou de se inserir em espaços estritamente heterossexuais.

No depoimento abaixo é evidenciado uma estratégia muito usada por homossexuais assumidos que ocupam, ou ocuparam, alguma carreira de destaque social:

Sou estudante da Faculdade de Medicina de Vassouras e atualmente estou cursando o 1º ano. Como homossexual honrado e assumido (até certo ponto) que sou, sempre lutei, na medida do meu possível, para levar as pessoas a verdadeira imagem do povo guei. Nunca escondi minha condição, sem, contudo, precisar ser "pintosa" para me assumir nem sair falando para todo mundo de mim. Deixo apenas que as pessoas me notem como sou, sutilmente, impondo, sobretudo, respeito para com a minha pessoa. Ainda mais pelo fato de ser estudante de Medicina é inadmissível que eu mantenha uma conduta indecorosa, pois dando uma de "bicha louca" só iria comprometer minha carreira futura. Vocês não concordam? Parabéns! Pela maneira clara, aberta e informal com que vocês expõem seus trabalhos, retratando a realidade como ela é, sem mascará-la (A TODA..., 1979, p. 15).

O objetivo é o de se camuflar e infiltrar-se no sistema para, gradativamente, conquistar respeito e modificar a percepção sobre os homossexuais e, à sua maneira, “militar” por esta causa, embora, para ele, seja “difícil”, “incompreensível” entender a luta e a importância das “bichas” na desconstrução da masculinidade vigente. Aspecto ao qual o jornal se dedica com insistência, seja opondo-se às acepções gerais ou veiculadas por outros jornais, como visto em uma carta publicada em *O Pasquim*, quatro meses antes da primeira edição do *Lampião*:

Lamentável mais uma vez o tema “homossexualismo” ser abordado sobre um mesmo prisma pseudo-vanguardista, mas trazendo em seu bojo ranços e preconceitos machistas e pequeno burguês. (...) classificando terminologias, homossexual masculino, dentro de um conceito real e verdadeiro (e não estereotipado), é todo homem, com características masculinas que sentem atração física e afetiva por outros homens com características também masculinas. Essa realidade (...) existem homossexuais afrescalhados, abichalhados e afeminados. Mas não são os verdadeiros homossexuais (O PASQUIM, 1978, p. 2).

O debate sobre a questão coloca-se já no número 1 do *Lampião*, com a afirmação de um de seus colunistas: “*Reconheço ser a bicha atual um estágio necessário para se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual*” (NOSSAS...,1978, p.4).

Ou seja, por meio dessas passagens citadas, *Lampião* dedica-se a construir um discurso em que as “bichas loucas” não são essa reprodução do olhar machista: a futilidade e a frescura atribuídas à mulher e, por extensão, aos homossexuais. Essa visão caricata não seria uma forma passiva das *bichas* aderirem a essa objetivação da mulher, mas, pelo contrário, um símbolo, um ato de resistência, de luta. (GREEN, 2000). Resistência porque ferem e agriem a sociedade revelando que um homem não está preso a apenas uma manifestação do masculino. Que ao abandonarem a postura masculina vigente e abrirem mão dos privilégios adquiridos com esta performance, põe-se em xeque a figura do macho. Relativiza-se o masculino, tira dele a importância e

o poder de homem, já que, mesmo assim o sendo, prefere adotar trejeitos femininos, em uma afronta à padronização do masculino (MONTEIRO, 2000, p.15).

Isso demonstra que o termo estava em pauta e que *Lampião* trabalhava por sua desmistificação, desconstrução e valorização como resistência simbólica, embora houvesse divergências sobre ele no interior do próprio movimento homossexual.

Como considera Green, ser *bicha* é também ser homem, nem melhor e nem pior que outros homens ou homossexuais; isso abre espaço para que os próprios heterossexuais enxerguem sua masculinidade de outra forma, não tão rígida e reprimida, e possibilita outras maneiras de vivenciar o corpo. O perigo da desconstrução do termo está relacionado com a própria construção do macho heterossexual:

A imagem da bicha como um homossexual desmunhecado, efeminado tornou-se o elemento de contraste que confirmava a masculinidade do macho heterossexual brasileiro. A transgressão, realizada pela bicha, das demarcações de gênero e ambiguidade de um comportamento feminino num corpo masculino também provocam a ansiedade masculina e despertam o medo de que o feminino no “outro” também pudesse estar nele próprio. [...] imagens da bicha, viado, pederasta e homossexual tornam-se elementos fundamentais para estruturar as definições culturais da masculinidade e do gênero no Brasil (GREEN, 2000, p. 146-147).

O jornal mostra essa intenção quando usa o termo para expressar ousadia, coragem, e isso fica claro nos títulos usados nas matérias. Por exemplo, deste do nº 2 “*Bicha atrevida pede a palavra*”, no qual o termo *bicha* é usado tanto para se dirigir a um amigo, a alguém atrevido ou a um insubordinado.

O que se percebe com essas mudanças é que os homossexuais passam a discursar sobre sua própria condição. Ao questionar esses sujeitos afeminados e o significado de *bicha* a eles atribuído, os editores de *Lampião* contribuem para que seus leitores homossexuais ou heterossexuais pensem sobre a complexidade da sexualidade e como a vivência homossexual é muito mais rica do que aquela construída pelos

discursos médicos nas décadas anteriores. Segundo Monteiro, este novo sentido do termo é importante para ampliar a percepção entre os homossexuais, mas, principalmente, por provocar uma mudança estrutural relacionada às representações do gênero masculino e feminino (MONTEIRO, 2000, p. 33).

No sentido estruturalista, podemos imaginar as representações de gênero como sistemas, onde todos os elementos (masculino e feminino, por exemplo) se relacionam entre si. Qualquer deslocamento de um elemento causa o deslocamento de todos os outros. Na medida em que surge novos sujeitos discursivos na sociedade, como é o caso da mulher feminista e do gay, a masculinidade genérica perde necessariamente seu status anterior e se vê obrigada a se representar em relação a esses novos elementos (MONTEIRO, 2000, p.15).

Como mencionado por Foucault, essa tentativa de controle dos corpos e das subjetividades dos homossexuais está relacionada às tentativas de controle da ordem social por diversas instâncias e instituições. O controle do corpo social não se limita aos homossexuais, mas abrange a todos tidos como um ameaça ao *status quo* social:

Não há um corpo na República. Em compensação, é o corpo da sociedade que se torna, no decorrer do século XIX, o novo princípio. É este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: em lugar dos rituais, através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas, terapêuticos como eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes. A eliminação pelo suplicio é, assim, substituída por métodos de assepsia: criminologia, a eugenia, a exclusão dos degenerados (FOUCAULT, 1986, p.145).

Lampião, ao propor novas possibilidades de compreender o termo, causa uma fissura nos discursos e transforma o modo de heterossexuais e homossexuais lidarem com seus corpos e subjetividades. Porém, discursos que são contrários às discussões de *Lampião* não desapareceram, muito pelo contrário, estão em constante disputa, em debate, lutas e conflitos:

Sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apegam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (FOUCAULT, 1986, p.22).

De modo geral, as transformações sociais, como a volta dos exilados e suas vivências no exterior, assim como seu contato com os movimentos feministas e gays de lá (PÉRET,2011, p. 2011), o processo de urbanização e a possibilidade de convivência com outros homossexuais nos centros urbanos (GREEN,2000, p.254/255) possibilitam que os homossexuais, antes objetos dos discursos médicos, troquem experiências e, aos poucos, revejam conceitos sobre sua sexualidade baseados em uma nova ética e moral sobre si. Como o caso do *Gato Preto*, do *Snop*, outros homossexuais passam a questionar o padrão binário das vivências de gênero. *Lampião* é a concretização dessas trocas de vivências entre os homossexuais, e suas ideias são ricas fontes de reflexão para os homossexuais a respeito de suas próprias experiências e de seu espaço social.

Logo, *Lampião* e seus discursos disseminam saberes e vivências sobre os homossexuais que disputam com outros discursos vigentes, criando jogos de verdades, valores, regras, práticas e regimes:

designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara (FOUCAULT,1984, p. 25).

Ambos os discursos, aqueles mais conservadores, de cunho médico ou religioso, ou o do *Lampião*, não se encerram com o fim do periódico, mas se transformam com tempo. Um novo embate se evidencia com a descoberta da AIDS e a patologização do

homossexual. Enquanto *Lampião* lutava, no final da década de 1970, pela desconstrução da imagem da homossexualidade como algo anormal, alimentada pelos discursos médicos, no início da década de 1980, com a o surgimento da AIDS, a doença é atrelada ao homossexual. Novamente o discurso médico e os programas de prevenção contribuem para a construção da imagem do homossexual como um ser promíscuo, cuja depravação seria a responsável pela disseminação da doença e uma ameaça à sociedade. Para Pelucio e Muskolci.

Desde o início da década de 1980, com a emergência da epidemia de aids, assistimos a mudanças sociais profundas que configuraram novos comportamentos em uma clara ênfase epidemiológica na saúde pública e nos discursos sobre a sexualidade. A epidemia permitiu o reforço da norma heterossexual que servira como modelo para patologizar as sexualidades dissidentes desde fins do século XIX. Assim, nas últimas três décadas, o dispositivo da aids revelou-se eficiente na conformação dos antigos prazeres perversos em formas moldadas por padrões heterossexuais (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009).

Esses embates transformam-se, disputam lugares, regridem, deslocam-se com o tempo. Isso revela a constante luta dos diversos grupos sociais sobre o discurso do corpo, nesse caso o do homossexual. Evidencia-se, deste modo, como os significados construídos sobre o masculino, o feminino, o hetero e homossexual estão em constante deslocamento no decorrer da história. (MONTEIRO,2000).

Considerações Finais

Lampião da Esquina, que surge em um período de redemocratização, de questionamentos políticos, feministas, de urbanização e criação de novos espaços de sociabilidade, rompe com os discursos até então reproduzidos pelos diversos grupos sociais a respeito da homossexualidade. É um marco para o movimento gay, que

questionou padrões e preceitos e propiciou que homossexuais saíssem do gueto, da marginalidade, para experimentarem seus afetos de forma menos rígidas.

Linn da Quebrada é uma dessas representações do processo que se evidencia em *Lampião*. Ela é um ícone da luta contra o preconceito e concepções antigas sobre gênero e sexualidade que persistem em nossa sociedade.

Assim sendo, ainda existem muitas discussões necessárias a serem feitas sobre o tema. Não apenas em relação aos discursos médicos, jurídicos, religiosos e midiáticos em voga, mas também em discursos dos grupos políticos. *Lampião* cumpre com o seu intuito de refletir sobre a condição do homossexual, em particular do termo *bicha* aqui estudado, dando voz a esses seres que antes eram vistos apenas como degenerados e objetos de pesquisa médica.

Referências

- ALMEIDA, S. A. Orientação sexual nas escolas: seria possível se não incomodasse? Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- A TODA LA ESTUDIANTE. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, janeiro, 1979. Cartas na Mesa. Disponível em: < 12-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-08-JANEIRO-1979.pdf (grupodignidade.org.br)>
- AS PALAVRAS: PARA QUE TEMÊ-LAS? **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, julho, 1978. Esquina. Disponível em: < 07-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-03-JULHO-AGOSTO-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma introdução à História**. 5º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S; VAINFAS, Ronaldo. "História e Análise de Textos". In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- CONVERGINDO: DA MESOPOTÂMIA A RICETTI. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, dezembro, 1980. Ativismo. Disponível em: < 35-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-31-DEZEMBRO-1980.pdf (grupodignidade.org.br)>
- DA-LHE, PARAGUASU. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, maio de 1978. Disponível em: <05-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-01-MAIO-JUNHO-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- ESCOLHA SEU NOME (II). **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, dezembro, 1978. Bixórdia. Disponível em: < 11-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-07-DEZEMBRO-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>

- FEITOSA, L. C. Gênero e sexualidade no mundo romano, **História: Questões & Debates**. Curitiba, n. 48/49, p. 119-135, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, versão de Lígia Vanalo/ Petrópolis, Vozes, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1972, 260p.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6ª ed. São Paulo/ Brasil: Edição Loyola, 1996: setembro de 2000
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2; o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado, 6ª ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1986.
- GREEN, James, Naylor. **Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- LENDO O NÚMERO ZERO. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, maio de 1978. Esquina. Disponível em: <05-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-01-MAIO-JUNHO-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- LORD CORNBURY, UMA AUDACIOSA? **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, fevereiro, 1979. Esquina. Disponível em: < 13-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-09-FEVEREIRO-1979.pdf (grupodignidade.org.br)>
- LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- MOVIMENTO NO BRASIL? ELE DIZ QUE NO MOMENTO NÃO TEM CLIMA. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, junho de 1978. Reportagem. Disponível em: <06-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-02-JUNHO-JULHO-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- MAIS TESÃO E MENOS POLITICAGEM. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, agosto, 1980. Ensaio. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/31-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-027-AGOSTO-1980.pdf>
- MONTEIRO, Marko. **Tenha Piedade dos Homens! Masculinidade em Mudança**. Juiz de Fora: FEME, 2000.
- MUITA ÁGUA PASSOU POR DEIBAIXO DESSA PONTE. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, julho, 1978. Reportagem. Disponível em: <07-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-03-JULHO-AGOSTO-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- NOS BECOS ESCUROS. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, abril de 1978. Cartas na Mesa. Disponível em: <01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- NOVAS HISTÓRIAS DE AMOR (III). **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, julho, 1978. Esquina. Disponível em: < 07-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-03-JULHO-AGOSTO-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- NOSSAS GAIOLAS COMUNS. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, maio de 1978. Opinião. Disponível em: < 05-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-01-MAIO-JUNHO-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- O COLUNISTA LADRA. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, junho 1979. Cartas na Mesa. Disponível em: < 17-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-13-JUNHO-1979.pdf (grupodignidade.org.br)>
- O QUE VEM A SER BIXÓRDIA. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, outubro, 1978. Bixórdia. Disponível em: < 09-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-05-OUTUBRO-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- OS CAUBOIS, SEUS CLIENTES:TODOS QUEREM SER FELIZES NO TRIÂNGULO DA BADALAÇÃO. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, maio de 1978. Reportagem. Disponível em: < 05-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-01-MAIO-JUNHO-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- O PASQUIM, Rio de Janeiro, nº 444, 1978.

- PAULADA NA BICHÓRDIA. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, junho, 1978. Cartas na Mesa. Disponível em: < 06-LAMPIDAO-DA-ESQUINA-EDICAO-02-JUNHO-JULHO-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- PELUCIO, Larissa; MUSKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes, *Sexualidad, Salud y Sociedad*. **Revista Latinoamericana**, n.1 - 2009 - pp.125-157/ <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/issue/view/1>>
- RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SAINDO DO GUETO. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, abril de 1978. Opinião. Disponível em: <01-LAMPIDAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf (grupodignidade.org.br)>
- SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

The faggots of the *Lampião da Esquina*: from insulting to the deconstruction of masculinity in the end of the 1970's

Abstract: The questions that guide this work are the discussions, the debates around the term “faggot”, published in the newspaper *Lampião da Esquina*, the first large-scale periodical sold on newsstands in the country. With content aimed at the gay public and produced by homosexuals, it circulated in Brazil from 1978 to 1981, generating effects in the deconstruction or flexibility of a hegemonic masculinity, seen as fixed, naturalistic and essentialist by various discourses. We will take as a basis the Foucauldian and gender concepts developed by poststructuralist feminist theorists in the 70's and 80's. clashes and changes that enabled the emergence of “*new subjects in the economy of the signs of society at that historical moment*” (MONTEIRO, 2000, p.50). In this sense, finally, how homosexuals come to see themselves after *Lampião's* discussions.

Keywords: Fagot. Lampião. Masculinity. Gender.

Recebido: 16/12/2021

Aceito: 02/09/2022